



RELATO DE EXPERIÊNCIA

METODOLOGIA DE ATENÇÃO À GESTANTE E FAMÍLIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM GRUPO OPERATIVO

METHODOLOGY OF ATTENTION FOR PREGNANT AND FAMILY: REPORT OF EXPERIENCE WITH OPERATIVE GROUP

METODOLOGÍA DE ATENCIÓN PARA EMBARAZADA Y FAMILIA: RELATO DE EXPERIENCIA CON GRUPO OPERATIVO

Isabel Cristina Pacheco Van der Sand¹
Iris Fatima Alves Campos²
Daniela Zeni Dreher³
Karina Ribeiro Rios⁴

RESUMO: Relato de experiência de extensão universitária, desenvolvida com grupos de gestantes e familiares. O objetivo do relato é compartilhar a experiência e discutir, à luz da teoria Pichoniana, acerca dos motivos que justificam o uso de disparadores temáticos em grupos de gestantes e familiares. A atividade é interdisciplinar, reunindo docentes e acadêmicos de Enfermagem, Nutrição, Fisioterapia e Psicologia, por meio do emprego da metodologia de grupos operativos. O uso dos disparadores temáticos junto aos grupos de gestantes e familiares tem contribuído para dar suporte terapêutico a essas pessoas quando vivenciam acontecimento que contribui para mudar-lhes a vida - a gestação de um filho. Em virtude do caráter interdisciplinar, a atividade tem estimulado o trabalho em grupo e contribuído para a formação de um novo Esquema Conceitual Referencial Operativo para cada professor e estudante e para o grupo como um todo.

Descritores: Enfermagem; Gestantes; Família; Educação; Psicologia social.

ABSTRACT: Academic extension experience report, developed with pregnant women and their family members. This report aims to share the experience and discuss, according to Pichonian theory, about the reason that justifies the use of thematic triggers in pregnant women and family members. The activity is interdisciplinary, congregating teachers and students of Nursing, Nutrition, Physiotherapy and Psychology, who use the operative groups' methodology. The use of the thematic triggers, in pregnant women and family members, has contributed to carry out the task, for therapeutic support to people who experience event that contributes to change their lives - the pregnancy. Because its interdisciplinary characteristic, the accounted activity, has stimulated the work in group and contributed to the formation of a new Operative Reference Conceptual Scheme to each teacher and student and to the group as a whole.

Descriptors: Nursing; Pregnant women ; Family; Education; Social psychology.

RESUMEN: Relato de experiencia de extensión universitaria desarrollado con grupos de gestantes y familiares. El objetivo del relato es compartir experiencias y discutir, a la luz del referencial de la Teoría Pichoniana, sobre los motivos que justifican el uso de

1 Enfermeira, mestre em Enfermagem, docente da Universidade Federal de Santa Maria, ex-coordenadora da atividade em relato. E-mail: isabelvan@gmail.com.

2 Psicólogo, mestre em Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul E-mail: irisuniju@gmail.com.

3 Fisioterapeuta, mestre em Engenharia da Produção, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: daniela.dreher@unijui.edu.br.

⁴ Nutricionista, mestre em Alimentação e Nutrição, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: karina.rios@unijui.edu.br.



disparadores temáticos en las mujeres embarazadas y sus familiares. La actividad es interdisciplinar y reúne los profesores y académicos de Enfermería, Nutrición, Fisioterapia y Psicología, mediante el empleo de la metodología de los grupos operativos. El uso de los disparadores temáticos a lo largo de los grupos de gestantes y sus familias ha contribuido para dar soporte terapéutico a estas personas cuando viven un acontecimiento que contribuye a cambiar sus vidas - el embarazo de un hijo. Debido a la naturaleza interdisciplinar, esta actividad ha fomentado el trabajo en equipo y contribuyó a la formación de un nuevo Esquema Conceptual Referencial Operativo para cada profesor y el alumno y para el grupo en su conjunto.

Descriptor: Enfermería; Mujeres embarazadas ; Familia; Educación; Psicología social.

INTRODUÇÃO

Este é um relato de experiência centrada em um trabalho de extensão universitária desenvolvido com gestantes e familiares, cujo referencial teórico-metodológico é o dos grupos operativos¹ e que tem por título “Grupos operativos de suporte às funções parentais”. O objetivo central deste relato é, ao realizar uma interpretação crítica dessa experiência, reconstruindo o sucedido e elaborando um ordenamento dos elementos objetivos e subjetivos que fizeram parte do processo, extrair o aprendizado,² que se originou, em específico, do uso de disparadores temáticos na atividade relatada. Ao resgatar e sistematizar a experiência pretende-se contribuir para a práxis de profissionais do campo da saúde e afins, que percebem nas atividades de natureza grupal operativa uma alternativa terapêutica e que procuram agir na perspectiva da construção de conhecimentos e aproximação de diferentes saberes, visto que esta é uma experiência interdisciplinar, que reúne docentes e estudantes do campo da enfermagem, nutrição, fisioterapia e psicologia.

Grupos operativos: notas teóricas

O grupo operativo é um conjunto restrito de pessoas interagindo em tempo e espaço, articuladas por suas mútuas representações internas, que se propõem, implícita ou explicitamente, a uma tarefa, interagindo para isso através de complexos mecanismos de adjudicação e assunção de papéis.¹ Nessa concepção, a tarefa grupal está centrada na “resolução das situações estereotipadas e dilemáticas que surgem da intensificação das ansiedades na situação da aprendizagem”.^{1:251}

A teoria pichoniana aponta que, diante das possibilidades de mudanças, entendida como aprendizagem terapêutica, surgem dois medos básicos: o da perda e o do ataque. O primeiro medo se expressa como o temor de perder aquilo que é conhecido, que já se tem, a exemplo de marcos referenciais prévios, benefícios secundários de um ou mais sintomas, adaptações passivas a situações de enfermidade, correspondendo a uma ansiedade depressiva. O segundo medo básico alude ao temor frente ao desconhecido, que pode representar perigo, e ante o qual o indivíduo não se sente com possibilidade de adaptação ativa, por isso denominado medo do ataque, correspondendo a uma ansiedade persecutória. Quando o montante dessas ansiedades é bastante elevado, surge a resistência à mudança, incluídas aí todas que o indivíduo realiza em seu processo de adaptação ativa à realidade.¹

A metodologia proposta por Pichon-Rivière busca o enfrentamento dos pontos resistenciais à aprendizagem terapêutica na medida em que no, grupo operativo, estimula-se um processo terapêutico que passa, sobretudo, pela diminuição dos medos básicos, em termos de medo do ataque ao Eu e medo da perda do objeto, os quais paralisam o Eu e o

tornam impotente. Através da técnica operativa se fortalece o Eu, conseguindo-se, assim, uma adaptação ativa à realidade.³

Para isso, a metodologia dos grupos operativos tem como tarefa (grupal) a construção de um Esquema Conceitual, Referencial e Operativo (ECRO)⁵ comum, elemento necessário para o estabelecimento de uma comunicação a partir da afinidade dos esquemas referenciais de emissor e de receptor, ou seja, de todos que participam da atividade grupal.³

No grupo operativo ocorre um processo de constante (re)formação dos esquemas referenciais que os participantes trazem ao grupo, num movimento contínuo e em espiral por meio do qual "um novo ECRO está em produção, o que lhes permite uma modificação criativa ou adaptativa segundo um critério de adaptação ativa à realidade".^{1:251} Por isso, na medida em que vai operando aprendizagens/mudanças, o grupo operativo é terapêutico.

A partir dos pressupostos pichonianos, pode-se afirmar que a tarefa do grupo é aprender a aprender, significando a manutenção de uma atitude mental aberta, investigatória e científica, ou seja, uma nova leitura da realidade e uma apropriação ativa da mesma, no aqui, agora e comigo, manifestando-se além do discurso, ou seja, nas ações cotidianas.⁴ É "toda a tentativa de resposta coerente e significativa às demandas da realidade".^{1:235}

Estruturalmente, um grupo operativo é composto pelos integrantes, um coordenador e um observador.^{3,4} Além disso, é necessária a combinação, com os integrantes, de regras básicas de funcionamento, ou seja, de um enquadre grupal. Este, além de objetivos explícitos (relativos à definição de local de reuniões, datas, horários, número de participantes...), tem como objetivos implícitos propiciar senso de limites e de realidade a cada integrante e ao grupo como um todo e, também, manter a coesão e dar continência às ansiedades emergentes no campo grupal, contribuindo, com isso, para que se cumpra sua função terapêutica.^{4,5}

Ao coordenador compete facilitar o processo, criando condições para comunicação e diálogo e, igualmente, auxiliando na elaboração de obstáculos emergentes da realização da tarefa a que se propõe o grupo. O observador, por sua vez, é um co-pensador, silencioso, que, pela distância ótima do grupo, tem a possibilidade de perceber a globalidade do processo, cabendo a ele fazer o registro por escrito das comunicações verbais e gestuais dos integrantes e do coordenador, a fim de auxiliá-lo na elaboração da crônica devolutiva do trajeto percorrido pelo grupo.⁴

A dinâmica grupal não é linear ou cumulativa, mas ocorre num movimento dialético, em que cada objetivo alcançado transforma-se imediatamente, em um novo ponto de partida. Ela é permeada de perdas e de ganhos, devendo ter uma resultante positiva e, portanto, operativa. Assim, nas idas e vindas do movimento dialético, ocorrem ajustes, correções de conceitos, preconceitos, tabus, fantasias inconscientes, ideias preconcebidas e estereotipadas, contribuindo para o desenvolvimento de uma atitude plástica e criativa à realidade.⁴

MÉTODO

Este é um relato de experiência acerca de uma atividade de extensão universitária, desenvolvida há quase duas décadas, envolvendo docentes e discentes de quatro cursos de graduação (enfermagem, nutrição, fisioterapia e psicologia). A experiência relatada tem como foco o trabalho grupal com gestantes e seus familiares. O

⁵ Para melhor compreensão do que seja o ECRO, conforme a teoria Pichoniana, leia-se Matumoto S, Fortuna CM, Mishima SM, Pereira MJB, Domingos NAM. Supervisão de equipes no Programa de Saúde da Família: reflexões acerca do desafio de produção de cuidados. Interface (Botucatu). 2005; 9(16): 9-24.



cenário da experiência é o município de Ijuí/RS, em específico a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUL). Como fonte das informações, para sustentação do relato deste artigo, usou-se as narrativas da atividade, sobre as quais se discorre mais adiante no texto. Para a interpretação crítica da experiência usou-se como literatura de ancoragem a teoria dos grupos operativos de Enrique Pichón-Rivière.¹

Resgatando a experiência: a construção dialética do trabalho de atenção às gestantes e suas famílias

A primeira configuração da experiência, ora relatada, ocorreu em 1993 como uma atividade curricular de um curso de Enfermagem do interior do Estado do Rio Grande do Sul, que reunia mulheres grávidas e seus familiares, sendo nominada, por dez anos, “Curso de preparação para o parto e noções de puericultura”. Seu objetivo precípua era a preparação psicossomática para enfrentamento da gravidez e do parto e, ao mesmo tempo, proporcionar aos estudantes de enfermagem oportunidade de desenvolver este tipo de atividade, visto que era tida como essencial à assistência à saúde da mulher. Nesse contexto, o referencial teórico centrava-se no comportamentalismo, expresso por meio do ensino dos métodos psicossomáticos e pela transmissão de informações acerca do ciclo gravídico-puerperal e de cuidados com o neonato.

Paulatinamente, o trabalho saiu do espectro curricular e passou para o campo da extensão universitária, ao mesmo tempo em que se tornava multidisciplinar. Houve aí, o acolhimento de docentes e acadêmicos de outros cursos, iniciando pela Nutrição e, mais tarde, Fisioterapia e Psicologia. À medida que a composição multidisciplinar se efetivava, ocorriam alterações quanto ao referencial de cada profissional, o que concorreu para a construção de um novo ECRO grupal e permitiu o salto do campo multidisciplinar para o interdisciplinar, tal como se pretende expor a seguir. Assim, de 2003 a 2005 a atividade intitulou-se como “Grupo de gestantes e familiares: uma alternativa de atenção interdisciplinar”.

Essa mudança de referencial teórico foi acontecendo na inter-relação dos docentes e acadêmicos que, por originalidade da proposta, estavam sempre reunidos junto às gestantes e seus familiares, sem o esquema de revezamento dos profissionais, tão comum, nos trabalhos com grupos no campo da saúde.

Juntos, nos momentos de planejamento, execução e avaliação da atividade grupal, a equipe compreendeu que não mais centravam suas ações focando somente nos aspectos orgânicos decorrentes da gravidez, mas que lidavam com um dos acontecimentos que mudam a vida de um casal e de toda uma família. Assim, desde então, a mulher passou a ser vista, sobretudo, como aquela que ao gestar o filho, se gesta como mãe, sendo, literalmente, gestante de uma nova fase de sua vida e de outra vida.

Nesse movimento, se originou um novo ECRO em relação à compreensão do fenômeno gestacional, e a gestação passou a ser concebida como uma importante etapa da constituição da maternidade e não somente uma preparação para ela. Foi-se entendendo também que, por determinação biológica, psíquica e cultural, a menina nasceu (e tornou-se ao longo do tempo) mulher, foi filha e brincou de ser mãe – o que foi contribuindo para a constituição da maternidade.⁶ Dessa forma, a experiência foi levando em conta que “na gestação a mulher começa a se reorganizar e reformular sua identidade, além de suas relações interpessoais, o que terá continuidade após o nascimento do bebê”.^{6:70} Da mesma maneira, o homem, ao acompanhar sua companheira nos meses gestacionais, vivencia seu próprio nascer como pai. Em razão desta trajetória histórica, a atividade nomina-se, desde 2006 até o presente momento, como “Grupo operativo de suporte as funções parentais”.

Então, a partir desse novo ECRO, externalizado especialmente pela denominação da experiência e pela presença dos disparadores temáticos, objeto central deste relato, os quais são “pensados” de forma conjunta pela equipe coordenadora, evidencia-se o caráter



interdisciplinar da atividade, como na Experiência de Rosário, coordenada por Enrique Pichon-Rivière¹. Ou seja, percebe-se que cada disciplina/profissão contribui com suas especificidades, as quais se articulam operativamente para vencer a tarefa que lidera o grupo e que consiste em abordar e elaborar as ansiedades vivenciadas no período gestacional. O compartilhamento da responsabilidade terapêutica entre as várias categorias profissionais contribui, tal como em outras experiências, para o êxito da proposta.⁷

Grupo operativo de suporte às funções parentais: a dinâmica da atividade

A atividade dinamiza-se pela articulação de dois grupos distintos: o grupo coordenador (G1) e o grupo com as gestantes e seus familiares (G2). O G1, constituído somente por professores e acadêmicos dos cursos de Enfermagem, Nutrição, Fisioterapia e Psicologia, se reúne ao longo do ano letivo. Este é o grupo que organiza a logística para receber as gestantes/familiares (o G2), se preocupa em escutar o emergente grupal oriundo e registrado (na forma de crônicas narrativas) em cada encontro realizado com o G2, para daí intervir propriamente. Junto a isso, toma o material do campo grupal (emergente das crônicas narrativas) e dá trato operativo e acadêmico, concentrando-se em estudos teóricos tanto no período em que há encontros com o G2, como naqueles em que esses não ocorrem. O G1 se configura como grupo operativo, mantendo enquadres de tempo (semanal, por duas horas), de lugar (no campus universitário) e de papéis (docentes e acadêmicos).

O G2 é o Grupo de Gestantes e Familiares, propriamente dito, que é constituído pelo G1 e pelas gestantes e seus familiares. Esse se reúne uma vez por semana, em geral no transcorrer de oito vezes, em encontros de aproximadamente duas horas cada um. A cada ano há a edição de dois grupos (G2). Em função do referencial adotado, o número de gestantes e familiares é limitado a dezesseis.⁵

O objetivo central dos encontros com o G2 é trabalhar operativamente as questões manifestas ou latentes de cada participante e do grupo como um todo, relacionadas à gestação de um filho. A intervenção realizada junto ao G2 não pretende ensinar como ser mãe e ser pai, ser uma nova família, mas sim que as pessoas trabalhem com as informações e percebam quais recursos possuem para lidar com elas. Nesta perspectiva, a informação passa a ser fator que contribui para que o trabalho do grupo operativo tenha caráter terapêutico, de aprendizagem, para seus participantes.

Os disparadores temáticos: reflexão à luz da teoria dos grupos operativos

No desenvolvimento das atividades com as gestantes e familiares há a proposição da abordagem de temáticas relativas ao ciclo gravídico-puerperal, parentalidade e cuidados com o bebê. Para desenvolver o trabalho, a cada encontro realizado com o G2, a equipe de professores e estudantes (G1) lança mão de uma temática a partir de um disparador⁴. Esse disparador é, muitas vezes, apresentado sob a forma de jogos, conforme a terminologia advinda do Psicodrama⁸, os quais têm o propósito de permitir que circulem no grupo as questões dilemáticas para as famílias que esperam a chegada do bebê. Cabe destacar que estudos relatam o uso de disparadores em atividades de natureza grupal com o objetivo de "aquecimento" para possibilitar a circulação da palavra, estimular a fala.^{7,9,10}

A utilização dos disparadores pretende, portanto, melhorar a comunicação no grupo, bem como possibilitar o estreitamento do vínculo entre os participantes, de forma semelhante a outras experiências com grupos operativos.^{4,7,9,10} Dessa forma, utilizam-se

recursos visuais, gráficos, plásticos e mesmo de ordem corporal, para a abordagem das temáticas e para pôr o grupo diante da tarefa principal.

Os disparadores planejados originam-se da preocupação com o material a ser trabalhado terapêuticamente e, por isso, adequam-se à dinâmica grupal que se configura a cada encontro. O recurso utilizado é, em verdade, uma provocação para que a palavra seja posta em circulação, pois é durante o desenvolvimento dessas atividades que se manifestam dúvidas, conflitos, angústias. Nesse momento o grupo opera, quando cada um (e o grupo em sua totalidade) passa a dar suporte e continência ao outro.

Com a intenção de compartilhar a prática relativa à elaboração e ao uso de disparadores temáticos e torná-la, por meio deste exercício, uma práxis, apresentam-se, a seguir, alguns disparadores utilizados junto aos grupos de gestantes e familiares (G2), os quais, em geral, são adaptações de material disponível em literatura especializada.

1) *Jogo do novelo de lã*: Jogo em que vai sendo formada uma teia, na medida em que um novelo é jogado de um participante para o outro e que aquele que o jogou conta um fato significativo da infância. Esse disparador persegue dois objetivos. Primeiro, para que constatem que, muitas vezes, vivenciam experiências semelhantes, contribuindo para o surgimento da universalidade - elemento que permite aos integrantes identificarem-se uns com os outros pela vivência de situações semelhantes, o que os vincula rumo à realização da tarefa grupal proposta¹¹. O segundo objetivo visa promover a fala sobre a infância de cada um dos participantes, pois muitas vezes essa é uma necessidade trazida pelos integrantes do grupo. Ao falar sobre a própria infância, os futuros pais podem "imaginarizar" o filho "por-vir" e resgatar a "criança" de cada um, elemento fundamental para cantar ao bebê, brincar com ele, interpretá-lo, ou seja, permitir-lhes funcionar na subjetivação por meio da empatia e continência para com filho.

A experiência evidencia, ainda, que compartilhar situações da infância pode contribuir para ressignificar vivências daquela fase da vida, constituindo-se em elemento terapêutico frente a problematizações que emergirão com a vinda de um filho e que, por vezes, impedem a assunção dos papéis sociais oriundos de um nascimento.

2) *Atividades lúdicas com massa de modelar*: Para o tema que trata das modificações gestacionais, é proposto, por vezes, o uso de massa de modelar, por meio da qual os participantes registram plástica e lúdica as principais mudanças desse período. Com esse expediente, cada gestante pode expressar o significado global dessa mudança, que é biológica e psíquica. Saliencia-se que os acompanhantes (em geral os esposos) também realizam a modelagem, trazendo à tona seus afetos sobre a gestação que compartilham. Nas atividades sobre esse recorte temático, em que as mulheres trazem suas problematizações com a estética corporal, falam de seus receios em engordar muito, perder a forma etc., são os homens participantes do grupo que as tranquilizam. Muitos verbalizam que, para eles, suas companheiras estão com estética ainda mais apazível.

3) *Conta pra gente*: Na utilização deste disparador, o G2 é subdividido em homens (futuros pais) e mulheres (futuras mães). A cada um dos subgrupos é proposta a questão "desde quando pensaste em ser pai?- ou mãe?", e a partir daí a palavra corre livre, na possibilidade associativa de cada um. Em nossa experiência, registramos que as mulheres pensam-se como mães desde a adolescência e, em geral, ligam o ser mãe com ter um bebezinho. Já os homens vêem-se pais de crianças de dois ou três anos, ou ainda meninos maiores (que ensinam a andar de bicicleta, levam ao futebol, ensinam a pescar etc.), e verbalizam o quão fundamental é para eles, naquele momento, estar com **aquela** esposa.

4) *Memória de aleitamento*: A fim de abordar o tema "aleitamento materno", temos tido experiências positivas ao desafiar o grupo a resgatar a sua própria história, solicitando-lhes que tragam ao coletivo aquilo que lhes foi contado por familiares sobre esse período de suas vidas. Essa proposta justifica-se porque a decisão de amamentar tem, entre outros

fatores, influência da história de vida da mulher e do significado que ela atribui a esse ato. A aprovação familiar e social é elemento que contribui nessa decisão.¹²⁻¹³ Assim, compartilhar no e com o grupo a ideologia familiar e social sobre o aleitamento materno, em geral, concorre para que essas mulheres repitam o comportamento familiar ou decidam por modificá-lo, colocando em questão a transmissão geracional.

5) *Banho que te quero banho*: Visto que a maioria das gestantes e de seus companheiros manifesta o temor de não conseguir cuidar do bebê que está por vir, em virtude do mecanismo psíquico denominado medo do ataque à situação desconhecida que desponta com a maternidade/paternidade que está se processando,^{3,14} propõe-se que todos troquem fraldas e simulem o banho do recém-nascido, entre outras atividades dessa natureza. Esse disparador não tem fundamentação comportamentalista, nem intenta fazer qualquer treinamento, busca, isso sim, fazer com que falem sobre seus medos, suas angústias e, de forma operativa, passem a elaborar a ansiedade pela qual são tomados nesse momento, o que contribuirá para que se coloquem em posição de desempenhar os papéis parentais.

6) *Passa bonecos* - Em certa oportunidade, ainda dentro do propósito de trabalhar esse medo dos futuros pais em relação ao cuidar do bebê, levou-se ao grupo duas bonecas/bebês que deviam circular na roda formada pelas gestantes e seus familiares. Ocorre, que, coincidentemente, a mulher de gestação gemelar recebeu uma boneca vinda pela direita do círculo e outra boneca vinda pela esquerda. Num primeiro momento, ela se mostrou impossibilitada em segurar os dois “bebês”, porém a firmeza da coordenação do grupo ao apoiá-la e conter a angústia (não só dela, mas do grupo todo) permitiu que, aos poucos, ela se mostrasse capaz de dar colo aos dois “bebês”. Foi uma oportunidade que nasceu ao acaso, mas que permitiu tratar de uma questão subjacente. De fato, em muitas oportunidades anteriores, aquela mulher verbalizava suas preocupações com o aleitamento de duas crianças, com o banho etc.

7) *Pinte a pedrinha* - Gestantes e familiares revelam os mais diversos sentimentos em relação ao filho que terão. Com a finalidade de evocar as idealizações discursivas dos participantes do grupo em relação ao filho que esperam, ou seja, no intuito de propiciar espaço para que os pais falem sobre o ideal de criança que esperam filho, é proposto o disparador da “pedrinha”. Neste, é solicitado que cada um adorne, com caneta hidrocor, uma pequena pedra branca e que a guarde para dar continuidade à atividade em momento posterior. Alguns colam a pedrinha ornamentada, com auxílio de fita adesiva, junto a uma parte do corpo, como se fosse um broche, outros guardam dentro da bolsa ou bolso, ou a colocam distante de si.

Com o uso desse disparador compreende-se que é possibilitado espaço a questões fundamentais para a subjetivação da criança que está por vir, conforme o referencial psicanalítico a que se afilia a proposta. O referido disparador permite a abertura de um espaço de fala para a subjetivação dessa criança, o que ocorre na medida em que os pais imprimem nela, já na gestação, os seus desejos, os seus afetos.

Compreende-se importante que o filho “idealizado” possa dar lugar àquela singularidade/criança que chega - situação que deverá ocorrer ao nascimento. Essa técnica possibilita trabalhar tais questões, já que nem sempre o desenho na pedrinha (metáfora do “filho”) aparece como a mãe/pai desejavam, o que ocorre pelo fato desta ser extremamente porosa absorvendo a tinta, dando contornos inesperados ao desenho, quebrando a idealização e evidenciando que é a partir do trabalho que executa com as marcas primordiais que o sujeito se constitui.

Cabe salientar que, se for o caso, os recursos lúdicos descritos neste relato poderão ser utilizados em outras situações, ou seja, não se trata de um uso estático, mas de tê-los como um meio, vetor da tarefa. Para além da temática proposta pelos dinamizadores, propõe-se tratar os mais diversos assuntos emergentes no grupo, não havendo um roteiro fixo. Assim, quem determina o que será abordado são os próprios



participantes, pois, ao longo do desenvolvimento dos dinamizadores, surgem questões relevantes para o grupo naquele momento, que nem sempre coincidem com o objetivo da coordenação para aquele encontro.

Muitas vezes há um deslocamento da temática a ser tratada no grupo de gestantes e familiares, em decorrência dos emergentes grupais, o que não é negativo, sinalizando, ao contrário, o aplicativo do referencial de grupos operativos, cuja centralidade está naquilo que emerge no “aqui e agora” do grupo, na abertura para os ajustes necessários e no desenvolvimento de atitudes plásticas e criativas.^{1,3,4}

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da extensão universitária, foco de relato e de reflexão deste artigo parece cumprir com seu objetivo no que diz respeito a levar à comunidade o conhecimento produzido na universidade e, de igual modo, proporciona uma experiência acadêmica de importância para a formação/atuação profissional e pessoal de estudantes e de professores.

Aspecto importante na realização desta atividade de extensão universitária está na presença dos quatro profissões em todos os encontros, o que é nada mais que a efetivação concreta da proposta metodológica ou didática, como Pichon-Rivière prefere chamar. A atividade, na forma como é operacionalizada, possibilita o desenvolvimento de trabalho interdisciplinar, ampliando a concepção sobre trabalho em equipe e estimulando a todos para esse tipo de proposta.

A criação de disparadores temáticos tem sido pretexto para muito diálogo e para reflexão sobre os fenômenos do campo grupal em que se reúnem gestantes e familiares, o que a justifica a proposição de cada um deles. Além disso, é palco para a construção da ideia de trabalho interdisciplinar entre as acadêmicas e professoras dos quatro cursos. Seu uso, junto a gestantes e familiares, tem contribuído para a execução da tarefa, cujo fulcro é dar suporte terapêutico em um momento em que essas pessoas vivenciam acontecimento que contribui para mudar-lhes a vida – a gestação de um filho.

REFERÊNCIAS

1. Pichon-Rivière E. O processo grupal. São Paulo: Martins Fontes; 2005.
2. Truisi MLV. Cuidar e investigar: desafios metodológicos em enfermagem y en salud. In: Anais do XII Colóquio Panamericano de Investigación en Enfermería; 2010 agosto 29- 2 set. Florianópolis; 2010. 17p.
3. Berstein M. Contribuições de Pichon-Rivière à psicoterapia de grupo. In: Osório LC. Grupoterapia de hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p.108-132.
4. Abduch C. Grupos operativos com adolescentes. In: Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde do Adolescente e do Jovem. Cadernos Juventude Saúde e Desenvolvimento, v.1, Brasília, DF, agosto, 1999. p. 213-222.
5. Zimerman D. Fundamentos das grupoterapias. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. Enquadre grupal; p.144-51.
6. Piccinini CA, Lopes RS, Gomes AG, De Nardi T. Pregnancy and motherhood. *Psicol.estud.* 2008; 13(1): 63-72.
7. Santos MA, Péres DS, Zanetti ML, Otero, LM. Grupo operativo como estratégia para a atenção integral ao diabético. *Rev enferm UERJ*: 2007;15(2):242-247.



8. Yozo RYK. 100 jogos para grupos: uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas. 14ª ed. São Paulo: Ágora; 1996.
9. Quiroga AP. Enfoques y perspectivas em psicología social: desarrollos a partir del pensamiento de Enrique Pichon-Rivière. Buenos Aires: Ediciones Cinco; 2005.
10. Torres HC, Hortale VA, Schall V. A experiência de jogos em grupos operativos na educação em saúde para diabéticos. Cad Saúde Pública: 2003; 19(4):1039-47.
11. Loomis ME. Group process for nurses. St. Louis, Missouri, EUA: The C. V. Mosby Company; 1979. Types of available groups; p.22-25.
12. Primo CC, Caetano LC. A decisão de amamentar da nutriz: a influência de sua mãe. J. Pediatr. (Rio J.). 1999; 75(6):449-55.
13. Silva IA. Enfermagem e aleitamento materno: combinando práticas seculares. Rev esc enferm. USP. 2000; 34(4): 362-9.
14. Soifer R. Psicologia da gravidez, parto e puerpério. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.

Data de recebimento: 20/04/2011

Data de aceite: 12/07/2011

Contato com autora responsável: Isabel Cristina Pacheco Van der Sand

Endereço postal: Rua Angelo Strapazon, 310, Centro, Ijuí/RS CEP 98700-000.

E-mail: isabelvan@gmail.com